

PROMOÇÃO DA SAÚDE E O USO DE PLANTAS MEDICINAIS NO CONTEXTO ESCOLAR: UM RELATO DE CASO

Promotion of Health and The Use of Medicinal Plants in The School Context: A Case Report

Janayna Chaves BRIZZOLLA¹
Cadidja COUTINHO²
Cisnara Pires AMARAL³
Amanda Leitão GINDRI⁴

RESUMO

As plantas medicinais há muito tempo são utilizadas no tratamento de enfermidades, muitas vezes, sendo o único recurso terapêutico, principalmente no caso das populações que não tem fácil acesso a serviços de saúde e aos medicamentos industrializados, por conta do seu elevado custo. Este trabalho teve como objetivo fazer um levantamento sobre as plantas medicinais utilizadas pelas famílias dos alunos do 6º ao 9º ano de uma escola municipal; apontar as espécies de plantas medicinais mais conhecidas e utilizadas por esta comunidade escolar, para que eram utilizadas e qual parte da planta era usada, bem como era feito o preparo e aonde as famílias adquiriam as plantas medicinais. Para tanto, a metodologia proposta utilizou de um questionário com questões para identificação de um perfil etnofarmacológico de 19 participantes sobre plantas medicinais. Os dados demonstram a realidade da comunidade escolar entrevistada, e o conhecimento sobre plantas medicinais dos participantes, neste caso bem limitado. Os participantes reconhecem algumas espécies de plantas medicinais, sendo as plantas mais citadas boldo, macela e folha de laranjeira. O uso comum delas mencionado pela grande maioria dos participantes foi para preparos de chá, e em geral, as plantas são obtidas em mercados ou hortas caseiras. Ainda neste estudo, realizou-se uma oficina abordando o uso de das plantas medicinais, como para qual enfermidade o uso de tal planta se aplica, formas de preparação de chás, e o uso consciente das plantas medicinais. O trabalho possibilitou o debate e reflexão sobre temas importantes do Ensino de Ciências, o que proporcionou a troca de conhecimentos entre a escola, estudantes e suas famílias.

Palavras-chave: Ensino de ciências. Etnobotânica. Atividade Pedagógica.

ABSTRACT

Medicinal plants have long been used to treat diseases, often being the only therapeutic resource, especially in the case of people who do not have easy access to health services and manufactured

¹ Acadêmica do Curso de Ciências Biológicas pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI Campus Santiago. janabrizzolla@gmail.com

² Dra em Educação em Ciências. Docente do Departamento de Ciências Biológicas pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI Campus Santiago. cadidjabio@gmail.com

³ Ma em Tecnologia Ambiental. Docente do Departamento de Ciências Biológicas pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI Campus Santiago. cisnara@yahoo.com.br

⁴ Dra em Ciências Farmacêuticas. Docente do Departamento de Ciências da Saúde pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI Campus Santiago. amandagindri@gmail.com

drugs, due to its high cost. This work had as objective to make a survey about the medicinal plants used by the families of the students from the 6th to the 9th year of a municipal school; to point out the species of medicinal plants best known and used by this school community, for which they were used and which part of the plant was used, as well as the preparation and where the families acquired the medicinal plants. Therefore, the proposed methodology used a questionnaire with questions to identify an ethno-pharmacological profile of 19 participants on medicinal plants. The data demonstrate the reality of the school community interviewed, and the knowledge about medicinal plants of the participants, in this case very limited. The participants recognize some species of medicinal plants, being the most cited plants boldo, macela and orange leaf. The common use of them mentioned by the great majority of the participants was for tea preparations, and in general, the plants are obtained in markets or home gardens. Also in this study, a workshop was conducted on the use of medicinal plants, as for which disease the use of such a plant applies, forms of tea preparation, and the conscious use of medicinal plants. The work allowed the debate and reflection on important themes of Science Teaching, which provided the exchange of knowledge between the school, students and their families.

Keywords: Science teaching. Ethnobotany. Pedagogical Activity.

1 INTRODUÇÃO

As interfaces entre a promoção de saúde e o Ensino de Ciências são alvo de inúmeros trabalhos, sejam eles para descrição, exemplos e como também, para apresentar as possíveis aplicações.

Os programas de educação em saúde direcionados para crianças e adolescentes são, em geral, realizados nas escolas. Embora educar para a saúde seja responsabilidade de diferentes segmentos, a escola é instituição privilegiada, que pode se transformar num espaço genuíno de promoção da saúde (BRASIL, 1998). Além disso, os projetos de educação em saúde na escola, em sua maior parte, são realizados nas aulas de Ciências e Biologia, muito embora os assuntos estejam relacionados ao tema transversal saúde, ou seja, tema a ser trabalhado em todas as disciplinas do currículo escolar (BRASIL, 1998).

Falar de saúde, portanto, envolve componentes aparentemente tão díspares como a qualidade da água que se consome e do ar que se respira, as condições de fabricação e uso de equipamentos nucleares ou bélicos, o consumismo desenfreado e a miséria, a degradação social e a desnutrição, os estilos de vida pessoais e as formas de inserção das diferentes parcelas da população no mundo do trabalho. Implica, ainda, na consideração dos aspectos éticos relacionados ao direito à vida e à saúde, aos direitos e deveres, às ações e omissões de indivíduos e grupos sociais, dos serviços privados e do poder público (BRASIL, 1997, p. 251).

Desse modo, o papel da escola vem ganhando cada vez mais importância na formação de hábitos saudáveis. A escola deve ser um espaço para professores e alunos discutirem questões sobre saúde, mas para isso é necessário que os educadores tenham formação e conhecimento.

A promoção em saúde tem na vertente educacional um importante caminho para a efetivação da melhoria da qualidade de vida da população. O investimento na formação do educador é um dos pilares para a compreensão de que a valorização da autoestima e da autonomia é

fundamental para o desenvolvimento e a promoção em saúde (BORBA et al., 2003).

Um mecanismo para inserção de práticas saudáveis no ambiente escolar é a investigação sobre plantas medicinais e fitoterápicos. É neste contexto que está inserida a utilização do conhecimento de plantas medicinais como ferramenta para estimular a preservação ambiental, pois quando se realiza estudos pedagógicos sobre plantas medicinais, tanto se trabalha a temática do meio ambiente, quanto à orientação sobre economia, saúde e qualidade de vida criando-se um elo entre Educação Ambiental e Saúde Pública. A escola deve aproveitar essa ferramenta e orientar os alunos a respeito das riquezas dos recursos naturais despertando neles o fascínio pela pesquisa das propriedades medicinais das plantas e a sua correta aplicação terapêutica, pois as plantas medicinais surgem como uma das alternativas para o trabalho preventivo da saúde das pessoas (SILVEIRA 2005).

A Educação Ambiental contribui fortemente para o processo de conscientização levando à mudanças de hábitos e atitudes do homem e sua relação com o ambiente. Destacamos ainda que a Educação Ambiental traz a questão de que há uma necessidade de se buscar a democratização da cultura do acesso e permanência na escola bem como da melhora do nível cultural da população para compreender o que é ciência, os avanços científicos e tecnológicos e as possibilidades de solução para diversos problemas de nossa época (LOUREIRO, 2004, p.89).

Diante disso, o trabalho se justifica por buscar identificar o perfil etnofarmacológico de uma comunidade escolar de Nova Esperança do Sul/RS sobre a utilização de plantas medicinais e fitoterápicos. Foi aplicado um questionário, e a partir disso foram desenvolvidas ações através de oficinas que abordaram as diferentes formas de utilização das plantas medicinais.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A utilização de plantas medicinais como método terapêutico vem acompanhando o homem através dos tempos, fazendo parte da sua cultura. Durante várias gerações a população de cada região do país, tinha como única forma de tratamento para seus males, o uso empírico de plantas medicinais de fácil acesso, muitas vezes, identificando as indicações das mesmas por meio de sua utilização. Dessa forma, o uso das plantas se tornou uma prática de cuidado tradicional de saúde e já é revelada em diversos estudos como de uso para fins terapêuticos por uma parcela significativa da população (TOMAZZONI, 2006).

Mesmo com o incentivo da indústria farmacêutica para a utilização de medicamentos industrializados, grande parte da população ainda faz uso de práticas terapêuticas no cuidado à saúde, como as plantas medicinais, utilizadas para aliviar ou mesmo curar enfermidades. Isso pode ocorrer devido ao alto custo dos medicamentos industrializados ou, então, pelo fato de os usuários estarem buscando alternativas que possuam menos efeitos colaterais para o tratamento de doenças (BADKE et al., 2016).

De acordo com Lopes et al. (2005), planta medicinal é toda planta que administrada ao homem ou animal, por qualquer via ou forma exerça alguma ação terapêutica. O tratamento feito com uso de plantas medicinais é denominado fitoterapia, e os fitoterápicos são os medicamentos produzidos a partir dessas plantas. Sendo assim, a fitoterapia é caracterizada pelo tratamento com o uso de plantas medicinais e suas diferentes formas farmacêuticas, sem a utilização de princípios ativos isolados (SCHENKEL; GOSMAN; PETROVICK, 2000), permitindo que o ser humano se

reconecte com o ambiente, acessando o poder da natureza para ajudar o organismo a normalizar funções fisiológicas prejudicadas, restaurar a imunidade enfraquecida, promover a desintoxicação e o rejuvenescimento (FRANÇA et al., 2008).

A utilização de produtos naturais, particularmente da flora, com fins medicinais, nasceu com a humanidade. Índícios do uso de plantas medicinais e tóxicas foram encontrados nas civilizações mais antigas, sendo considerada uma das práticas mais remotas utilizadas pelo homem para cura, prevenção de doenças, servindo como importante fonte de compostos, biologicamente ativos (ANDRADE; CARDOSO; BASTOS, 2007).

As plantas medicinais correspondem as mais antigas “armas” empregadas pelo homem no tratamento de enfermidades de todos os tipos, ou seja, a utilização de plantas na prevenção e/ ou na cura de doenças é um hábito que sempre existiu na história da humanidade (MORAIS; SANTANA, 2001).

O homem primitivo buscou na natureza as soluções para os diversos males que o assolava, fossem esses de ordem espiritual ou física. Aos feiticeiros, considerados intermediários entre os homens e os deuses cabia a tarefa de curar os doentes, unindo-se, desse modo, magia e religião ao saber empírico das práticas de saúde, a exemplo do emprego de plantas medicinais. A era Antiga inaugurou outro enfoque, quando, a partir do pensamento hipocrático, que estabelecia relação entre ambiente e estilo de vida das pessoas, os processos de cura deixaram de ser vistos apenas com enfoque espiritual e místico (TITONELLI ALVIM et al., 2006, p. 316).

A Organização Mundial de Saúde (OMS, 2008) constatou que práticas não convencionais de saúde, tais como acupuntura, fitoterapia e técnicas manuais estão em desenvolvimento, ganhando espaço de modo complementar às terapias medicamentosas alopáticas. Nesse ano essas práticas foram consideradas como parte dos tratamentos disponíveis pelo SUS.

Visando o custo de desenvolvimento dessa categoria de produtos, os países subdesenvolvidos como o Brasil oferecem integrativa terapêutica bastante promissora para a população. O país é visto em destaque por possuir um terço da flora mundial, além de ser a Amazônia a maior reserva de produtos naturais com ação fitoterápica do planeta. Essa intensa presença vegetal faz com que as pesquisas e o próprio desenvolvimento de medicamentos fitoterápicos possam ocorrer com destaque no cenário científico mundial (YUNES et al. 2001; FRANÇA et al., 2008).

A OMS também considera fundamental que se realizem investigações experimentais acerca das plantas utilizadas para fins medicinais e de seus princípios ativos, para garantir sua eficácia terapêutica (SANTOS et al., 2008).

Além disso, no Brasil o Ministério da Saúde aprovou em 2006, pela portaria nº 648, a Política Nacional de Atenção Básica que inclui as plantas medicinais no SUS (BRASIL 2006) e pelo Decreto nº 5.813 de 2006, a Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos. Esta última estabelece diretrizes e linhas prioritárias para o desenvolvimento de ações pelos diversos parceiros em torno de objetivos comuns voltados à garantia de acesso seguro e uso racional de plantas medicinais e fitoterápicos em nosso país, ao desenvolvimento de tecnologias e inovações, assim como ao fortalecimento das cadeias e dos arranjos produtivos, ao uso sustentável da biodiversidade brasileira e ao desenvolvimento do complexo produtivo da saúde (BRASIL, 2006).

Portanto, é notória a importância do estudo de plantas medicinais e a divulgação do conhecimento, sendo que cada vez mais a sociedade apresenta práticas de uso de plantas medicinais como uma alternativa na busca de uma melhor qualidade de vida.

Neste contexto, conciliar o potencial de plantas medicinais as propostas de ensino, principalmente ao ensino de ciências, pode representar um mecanismo de promoção de saúde de educandos.

Da mesma forma, a ligação desses aspectos representa uma alternativa para a alfabetização científica. Desenvolver habilidades que permitam elencar dados, evidências e apoios para sustentar afirmações e conclusões toma papel central nas pesquisas preocupadas com a promoção da alfabetização científica, por ser concebida juntamente com a linha de raciocínio que justifica uma afirmação (KUHN, 1993).

Foi declarado na Conferência Mundial sobre a Ciência para o século XXI que:

Para que um país esteja em condições de atender às necessidades fundamentais da sua população, o ensino das ciências e da tecnologia é um imperativo estratégico [...] Hoje, mais do que nunca, é necessário fomentar e difundir a Alfabetização Científica em todas as culturas e em todos os setores da sociedade, [...] a fim de melhorar a participação dos cidadãos na adoção de decisões relativas à aplicação de novos conhecimentos (DECLARAÇÃO DE BUDAPESTE, 1999, s/p).

No entanto, para o exercício da cidadania, os indivíduos precisam ter um mínimo de formação científica e capacidade crítica que os tornem hábeis para não apenas optar entre o certo e errado, como acontece nas escolas conservadoras, mas que saibam se posicionar frente a múltiplas possibilidades, como argumentam Santos e Schnetzler (1998, p. 263):

Para tomar decisão, o cidadão precisa ter informações e a capacidade crítica de analisá-las para buscar alternativas para a decisão, avaliando os custos e benefícios. A resolução de um problema que se insere na vida do cidadão é diferente das soluções dos problemas acadêmicos, geralmente colocados na escola. Para a solução de um problema escolar, tem-se uma definição completa do problema, cujo resultado já é esperado e cuja solução é tornada sob o foco disciplinar, usando-se muitas vezes algoritmos, e uma consequente avaliação como certo ou errado. Já a tomada de decisão de problemas concretos do cidadão é feita a partir de uma questão não exatamente definida cujo resultado é previsto com alternativas múltiplas e cuja solução é tomada sob o foco multidisciplinar, por meio de discussões, sendo avaliada pela análise de custos/ benefícios.

O ambiente escolar deve promover a educação científica, instigando a curiosidade do professor e sucessivamente dos alunos, fazendo com que estes se sintam desafiados, porque como afirma Demo (2010, p.58) “Pesquisa começa na infância não no mestrado!”.

Portanto, é de extrema importância que a Alfabetização Científica não seja apenas um sonho, mas que faça parte de todo o processo de aprendizagem dos cidadãos. Que comece desde cedo nas escolas, já nos anos iniciais, e que o interesse pelas ciências não seja apenas curiosidade de momento, mas que permaneça ao longo de toda a construção do conhecimento. E por isso, utilizar o conhecimento popular sobre plantas medicinais.

3 METODOLOGIA

O uso de plantas medicinais para fins terapêuticos é um conhecimento popular que vem sendo passado de geração a geração ao longo dos séculos. Mesmo diante do avanço da medicina, as plantas medicinais costumam ser uma das alternativas para parte da população, devido a diversos fatores, dentre os quais, o alto custo dos medicamentos industrializados. Em contrapartida, o uso desse tipo de terapia também tem crescido na busca por opções terapêuticas mais saudáveis.

Dessa forma, o presente trabalho visou investigar o perfil etnofarmacológico de uma comunidade escolar. Para tanto, as atividades foram divididas em etapas:

1ª etapa: Seleção e o contato com uma escola pública do município de Nova Esperança do Sul/RS para realização do trabalho.

2ª etapa: Realização de uma oficina na escola, para todas as turmas dos anos finais do ensino fundamental 6º ao 9º ano, abordando as formas de preparação de chás e outros produtos que podem ser obtidos através das plantas medicinais.

3ª etapa: Aplicação de um questionário a uma comunidade escolar (alunos e familiares) sobre o uso de plantas medicinais por estes indivíduos (Anexo 01).

4ª etapa: Análise do questionário e divulgação dos resultados da pesquisa sobre o uso de plantas medicinais para a comunidade escolar.

Para o desenvolvimento desta pesquisa foi utilizado à abordagem qualitativa. Os dados foram obtidos a partir da análise das respostas apresentadas no questionário e analisados conforme Minayo (2014). Antes de aproveitar os dados todas as informações foram avaliadas, constatando-se as necessárias condições de fidelidade e exatidão. Os dados coletados ficarão sob-responsabilidade do pesquisador e os mesmos serão utilizados para fins científicos sem que o sujeito seja identificado, garantindo assim o anonimato.

Esta pesquisa foi submetida à apreciação pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e Missões – Campus Santiago e somente foi executada após a aprovação conforme a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde e da Portaria nº 510/2016.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Brasil é um país com grande diversidade biológica e cultural e que conta, por isso, com um acúmulo considerável de conhecimentos e tecnologias tradicionais, entre os quais se destaca o vasto acervo de saberes sobre o manejo e utilização de plantas medicinais. Diversos grupos culturais recorrem às plantas como recurso terapêutico, sendo que, nos últimos anos, intensificou-se o uso como forma alternativa ou complementar aos tratamentos da medicina tradicional (DORIGONE, et al., 2001).

Diante disso, buscou-se fazer uma investigação sobre o tema – Plantas medicinais. A presente pesquisa contou com 19 participantes sendo, 11 do sexo feminino e 8 do masculino; com idades entre 10 e 17 anos; sendo esses, estudantes do ensino fundamental da Escola Municipal de Ensino Fundamental São José, do município de Nova Esperança do Sul/RS, e geralmente com famílias formadas por quatro integrantes.

Para investigar o perfil etnofarmacológico dos participantes realizou-se inicialmente uma oficina sobre “O uso de plantas medicinais”, e para melhor apresentação das informações utilizou-se um material digitalizado.

Além disso, fez-se uso de estratégias lúdicas e sensoriais para identificação de espécies de plantas medicinais (Figura 01).

Figura 01 – Estratégias lúdicas e sensoriais sobre plantas medicinais.



Fonte: Dados da pesquisa.

Após a realização da oficina os alunos foram convidados a responder o questionário de coleta de dados. Para a questão 01 “Você apresenta alguma doença crônica?” 17 responderam que “não” e 02 participantes responderam “sim”.

Quanto à pergunta 02 “Você conhece algum tipo de planta medicinal?” todos os alunos possuem conhecimento de alguma espécie de plantas medicinais, sendo que 6 alunos citaram o Boldo, 9 alunos a Macela, 4 alunos o Funcho, 2 alunos a Sálvia, 4 alunos as Folhas de laranja, 1 aluno a Manjerona, 3 alunos a Cavalinha, 7 alunos o Guaco, 4 alunos o Alecrim, 2 alunos a Erva-doce, 5 alunos a Erva-cidreira, 5 alunos a Malva, 4 alunos a Camomila e 2 alunos o Poejo.

Sobre a questão 3 “Você faz uso de plantas medicinais?” Todos responderam que “sim”. Sendo que as mais citadas estão na tabela abaixo (Tabela 1).

Tabela 1 – Questão nº 3 “Você faz uso de plantas medicinais?”

Nome popular da planta	Parte mais utilizada	Finalidade de uso	Frequência de uso	Nº usuários
Boldo	Folhas	Enfermidade repentina	2x ao dia	5
Camomila	Flores	Enfermidade repentina	1x ao dia	5
Cavalinha	Caule	Diurético	3x ao dia	2
Erva-cidreira	Folhas	Calmante	2x ao dia	2
Folhas de laranja	Folhas	Resfriado	1x ao dia	2
Funcho	Folhas	Diurético	3x ao dia	1
Guaco	Folhas	Resfriado	2x ao dia	3
Macela	Flores	Digestivo	1x ao dia	10
Malva	Folhas	Anti-inflamatório	2x ao dia	5
Poejo	Folhas	Resfriado	2x ao dia	1
Sálvia	Folhas	Calmante	1x ao dia	1

Fonte: Dados da pesquisa.

Já na pergunta 4 “Como você prepara seu chá?”, 13 responderam que por meio de infusão e

6 por decocção. E na pergunta 5 “Onde você adquire as plantas para o seu chá?”, 16 alunos responderam que possuem horta caseira e 3 disseram que adquirem as plantas no mercado.

Caravaca (2000) comenta que cada povo possui sua própria lista de ervas medicinais, plantas comuns típicas da região em que vivem e das quais o emprego é transmitido de geração a geração. A natureza dispõe de todos os benefícios para tratar e auxiliar as pessoas na cura dos males. São tantas as possibilidades que podem ser extraídas dela que, por vias distintas, muitos químicos ou farmacêuticos encontram nos produtos naturais, seu objeto de estudo, mas ainda hoje se observa a utilização das plantas medicinais como uma medicina alternativa ou complementar aos recursos terapêuticos alopáticos.

Quanto à evolução do uso de fitoterápicos, Lorenzi (2002) afirma que o emprego de plantas medicinais na recuperação da saúde tenha evoluído ao longo dos tempos desde as formas mais simples de tratamento local, provavelmente utilizada pelo homem das cavernas, até as formas tecnologicamente sofisticadas da fabricação industrial utilizada pelo homem moderno.

Por outro lado, Veiga Junior et al. (2005), declara que na atualidade é cada vez mais frequente o uso de plantas medicinais oriundas das medicinas orientais e que geralmente são desconhecidas do povo brasileiro, mas o comércio dessas plantas é sustentado por propagandas que prometem “benefícios seguros, por serem naturais” e na maioria das vezes as supostas propriedades farmacológicas divulgadas nem possuem validade científica, por não terem sido pesquisadas, ou por não terem tido seu efeito farmacológico comprovado, oferecendo dessa forma, risco à saúde pública ao invés de benefício.

O autor ainda afirma que é motivo de preocupação saber que há, por parte da população em geral, uma séria falta de conhecimento da ação terapêutica das plantas medicinais da flora nativa do nosso próprio país que comumente são consumidas com pouca ou nenhuma comprovação de suas propriedades farmacológicas (VEIGA JUNIOR et al., 2005).

Varella (2010) aborda que nós, brasileiros, gostamos de pensar que tudo o que é natural é necessariamente benéfico, sem ao menos nos preocupamos em saber se há efeitos colaterais ou se as diversas plantas usadas na chamada “chapeirada” combinam entre si. Esse autor, continuando seu raciocínio refere que a tradição de usar chás sempre existiu. Mas há uma diferença entre tomar chá de camomila para dormir melhor e usar chás para tratar de doenças graves.

Hoje, conforme defende Franco (2004), graças ao desenvolvimento científico, têm-se maiores condições de comprovarem-se os conhecimentos experimentais milenares do uso das plantas. Comparando a riqueza de espécies vegetais da Amazônia com o resto do mundo, o autor informa que na Alemanha a fitoterapia participa com mais de 30% na produção de remédios ao passo que no Brasil seria de apenas 5%, calcula-se que nos países industrializados metade dos medicamentos apresenta na sua fórmula princípios ativos extraídos de planta e que cientistas que fazem pesquisa metodológica a partir das plantas já consagradas pelo uso popular se surpreendem com o número de acertos e resultados bem sucedidos.

A cultura é um importante elemento que compõe a identidade social e por ser dinâmica apresenta constantes alterações. Os processos de urbanização e globalização ocasionam diversas transformações e mudanças de valores, contribuindo para que ocorram alterações culturais, resultando, muitas vezes, na perda de elementos e conhecimentos tradicionais importantes. O conhecimento sobre plantas medicinais simboliza muitas vezes o único recurso terapêutico de muitas comunidades e grupos étnicos (HOEFFEL et al., 2011, p 5).

O conhecimento humano é uma fonte inesgotável de riqueza a preservar, pois dele emanam entre outros elementos, subsídios importantes para ações voltadas para conservação biológica,

social, cultural e a manutenção de vidas de populações humanas distribuídas, no caso brasileiro, pelas áreas diversificadas dos seus reconhecidos biomas (GUARIM NETO et al., 2012).

Ainda de acordo com Guarim Neto e colaboradores (2012) é através da etnobotânica que se busca o conhecimento e o resgate do saber botânico tradicional, particularmente relacionando ao uso dos recursos da flora. Neste sentido, a escola cumpre seu papel social, na valorização dos saberes e comunidades tradicionais, caso esteja presente em seu currículo, o ensino de etnobotânica de maneira formal.

Favilla e Hoppe (2011) defendem que as plantas medicinais, usadas dentro de uma comunidade, resultam em uma forma de aplicar, efetivamente, vertentes de educação ambiental, pois, além de ocorrer à preservação da espécie utilizada, torna o ser humano mais próximo à natureza e contribui para conservar o conhecimento popular.

Considerando que os alunos participantes residem na zona rural de Nova Esperança do Sul, este por ser um município pequeno, onde os costumes são passados de geração para geração, esperava-se que os conhecimentos dos alunos que participaram da oficina sobre plantas medicinais não fossem tão limitado.

Em contrapartida percebe-se que as plantas medicinais são bastante utilizadas pela população, talvez esse hábito se dê por conta que a pastoral da saúde no município fornece medicamentos produzidos a partir de plantas medicinais. Outro fator pode estar associado ao difícil acesso aos serviços de saúde fazendo com que recorram às plantas medicinais e/ou pelo custo elevado dos medicamentos industrializados.

Nesse contexto, devemos pensar estratégias de conservação e uso sustentável dos recursos naturais, devemos incentivar o uso de plantas medicinais como uma alternativa no tratamento de algumas enfermidades, por serem naturais, não agredirem o organismo como os remédios industrializados e pelo baixo custo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento da pesquisa sobre o uso de plantas medicinais possibilitou conhecer a maneira como essas plantas são usadas e quais são as plantas mais utilizadas por alunos de uma escola do município de Nova Esperança do Sul.

O questionário com perguntas abertas conseguiu mostrar a realidade desta comunidade escolar, e com isso, demonstrou que o conhecimento sobre plantas medicinais dos participantes era bem limitado. Com isso, a realização da oficina contribui para que os objetivos propostos fossem realmente alcançados.

Como continuidade, este trabalho pode ser aplicado em outras escolas, com professores, em um bairro, em pastorais da saúde visando apresentar as plantas medicinais como promotoras da saúde.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, S. F.; CARDOSO, L. G.; BASTOS, J. K. Antiinflammatory and antinociceptive activities of extract, fractions and populonic acid from bark wood of *Austroplenckia populnea*. **Journal of Ethnopharmacology**, v.109, n. 3, p. 464-471, 2007.
- BADKE, M. R.; SOMAVILLA, E. A.; HEISLER, E. V., ANDRADE, A de.; BUDÓ, M. DE L. D.; GARLET, T. M. B. Saber popular: Uso de plantas medicinais como forma terapêutica no cuidado à saúde. **Rev. Enferm.** Abr./ jun.; v.6, n.2, p. 225- 234, 2016.

- BORBA, P. C. S. D.; MARTINEZ, C. M. S.; CARRASCO, B. G. Promoção da saúde e Educação Infantil: Caminhos para o desenvolvimento. **Paidéia**, v.13, n. 26, p. 141-146, 2003.
- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais**. Brasília, DF, 1998. 436p.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Saúde**. p.244-283, 1997.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria nº 648, de 28 de março de 2006**. Diário Oficial da União [da República Federativa do Brasil], Brasília, seção 1, n. 61, 2006a, p. 71.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Assistência Farmacêutica. **Política nacional de plantas medicinais e fitoterápicos/ Ministério da Saúde, Secretaria de ciência, Tecnologia e Insumos estratégicos**, Departamento de Assistência Farmacêutica. Brasília: Ministério da Saúde, 2006b. 60p.
- CARAVACA, H. **Plantas que curam**. Editora Virtual Books Online M&M Editores Ltda, 2000.
- DECLARAÇÃO DE BUDAPESTE. Marco general de acción de la declaración De Budapest, 1999. Disponível em: <<http://www.unesco.org/science/wcs/esp/declaracion>>. Acesso em: 06 de maio 2017.
- DEMO, P. **Educação e Alfabetização Científica**. Campinas, SP: Papyrus, 2010.
- DORIGONI, P.A., GHEDINI, P.C., FRÓES, L.F., BAPTISTA, K.C., ETHUR, A.B.M., BALDISSEROTTO, B., BÜRGER, M.E., ALMEIDA, C.E., LOPES, A.M. & ZÁCHIA, R.A. 2001. Levantamento de dados sobre plantas medicinais de uso popular no município de São João do Polêsine, RS, Brasil. I – Relação entre enfermidades e espécies utilizadas. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais** v.4, n.1, p. 69–79.
- FAVILLA, M.A.C.; HOPPE, J.M. As plantas medicinais como instrumento de educação ambiental. *Monografias ambientais*, v.3, n.3, p.468-475. 2011.
- FRANÇA, I. S. X. D.; ALVES DE SOUZA, J.; SANTOS BAPTISTA, R.; SOUSA BRITTO, V. R. D. Medicina popular: benefícios e malefícios das plantas medicinais. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 61, n. 2, p. 201-208, 2008.
- FRANCO, I. J. (Pe.); FONTANA, V. L. **Ervas e plantas: A medicina dos simples**. 9. ed. Erechim, RS: Livraria Vida Ltda., 2004.
- GUARIM NETO, G.; GUARIM, V. L. M. S.; FERREIRA, H. Recursos vegetais e conhecimento botânico tradicional: uma sinopse etnobotânica no cerrado de Nobres, Mato Grosso, Brasil. pp.139-152. IN: PASA, M. C. (Org.). *Múltiplos olhares sobre a biodiversidade II*. Jundiá: Paco, 224p. 2013.
- GUARIM NETO, G; GUARIM, V. L. M. S. CARNIELLO, M. A; FIGUEIREDO, Z. N. (2012). Espaços pantaneiros - relato sobre o cotidiano em uma fazenda tradicional na região da fronteira Brasil-Bolívia: elos com a educação não escolarizada. *FLOVET*, v.1, n. 4, p.1 a 10.
- HOEFFEL, J. L. M. GONÇALVES, N. M. SEIXAS, S. R. C. *Conhecimento Tradicional e Uso de Plantas medicinais nas APPS'S Cantareira/SP e Fernão Dias/ MG*. Setembro de 2011.
- KUHN, D. **Science Argumentation: implications for teaching and learnings científic thinking**. In: Science Education. v. 7, n.3, p.319-337, 1993.
- LOPES, C.R. et al. Folhas de chá. Viçosa: UFV, 2005.
- LORENZI, H.; MATOS, M. F. J. de A. **Plantas medicinais no Brasil - nativas e exóticas**. São Paulo: Instituto Plantarum, 2002.
- LOUREIRO, C.F.B. **Trajatória e fundamentos da Educação Ambiental**. São Paulo: Editora Cortez, 2009.
- MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

- MORAES, M.E.A.; SANTANA, G.S.M. Aroeira-do-sertão: um candidato promissor para o tratamento de úlceras gástricas. **Funcap**, v. 3, p. 5-6, 2001.
- SANTOS, M.R.A., LIMA, M.R.; FERREIRA, M. G. Uso de plantas medicinais pela população de Ariquemes, em Rondônia. **Horticultura Brasileira**, v. 26, n.2, p.244-250, 2008.
- SANTOS, W. L. P. dos. **Educação científica na perspectiva de letramento como prática social: funções, princípios e desafios**. Revista Brasileira de Educação, v. 12, n. 36, p. 474-492, set./dez. 2007
- SCHENKEL, E.P.; GOSMAN, G.; PETROVICK, P.R. Produtos de origem vegetal e o desenvolvimento de medicamentos. In: SIMÕES, C. M. O. et al. **Farmacognosia: da planta ao medicamento**. 3. ed. Florianópolis: Ed. da UFRGS/UFSC, 2000.
- SCHNETZLER, R. P. Ciência e educação para a cidadania. In: CHASSOT, A.; OLIVEIRA, J. R. de. **Ética e cultura na educação**. São Leopoldo: Unisinos, 1998.
- SILVEIRA, I. M. M. **O conhecimento popular sobre o papel curador das plantas e suas possibilidades para a educação e a escola**. 2005. 55f. Monografia (Pós-graduação em gestão educacional) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2005.
- TITONELLI ALVIM, N. A, FERREIRA, M. D. A; EVANGELISTA CABRAL, I; DE ALMEIDA FILHO, A. J. O uso de plantas medicinais como recurso terapêutico: Das influências da formação profissional às implicações éticas e legais de sua aplicabilidade como extensão da prática de cuidar realizada pela enfermeira. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 14, n. 3, 2006.
- TOMAZZONI, M.I, NEGRELLE, R.R. B, CENTA, M,L. Fitoterapia popular: A busca instrumental enquanto prática terapêutica. **Texto & Contexto Enferm**. v.15, n.1, p.115-21, 2006.
- VARELLA, D. **Ervas medicinais: os conselhos de Drauzio Varella**. [entrevista disponibilizada em 13 de agosto de 2010]. Entrevistadora: Cristiane Segatto. Porto Alegre: Revista Época. Ed. Globo, 2010. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI16289915230,00ERVAS%20MEDICINA%20OS%20CONSELHOS%20DE%20DRAUZIO%20VARELLA.html>>. Acesso em: 14/11/2017.
- VEIGA JUNIOR, V. F.; PINTO, A. C.; MACIEL, M. A. M. **Plantas medicinais: cura segura?** Quím. Nova vol.28 no. 3 São Paulo May/June 2005. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-40422005000300026&script=sci_arttext> acesso em: 14/11/2017.
- YUNES, R.A.; PEDROSA, R.C.; CECHINEL-FILHO, V. Fármacos e fitoterápicos: a necessidade do desenvolvimento da indústria de fitoterápicos e fitofármacos no Brasil. **Química Nova**, v.24, n.1, p.147-52, 2001.

ANEXO 01.

Questionário de coleta de dados: O uso de plantas medicinais

Município: _____ Questionário n°: _____

1. Você apresenta alguma doença crônica? () Sim () Não

- | | | | |
|------------------------------------|---|---|---|
| I – Sexo:
() M
() F | II – Idade:
() Até 10 anos
() 10-18 anos
() 18-25 anos
() 26-35 anos
() 36-45 anos
() 46-55 anos | III – Escolaridade:
() Ensino Fundamental completo
() Ensino Fundamental incompleto
() Ensino Médio completo
() Ensino Médio incompleto
() Ensino Superior completo
() Ensino Superior Incompleto
() Outros. Qual (is) | IV – Número de pessoas na sua residência (incluindo você):
() 1
() 2
() 3
() 4
() 5
() 6 ou mais |
|------------------------------------|---|---|---|

2. Se **SIM**, quais medicamentos faz uso? _____

3. Você conhece algum tipo de planta medicinal? () Sim () Não

Se **SIM**, cite qual (is) _____

4. Você faz uso de plantas medicinais? () Sim () Não

Se **SIM**, responda as questões a seguir.

Nome popular da planta	Parte utilizada <i>* é permitido assinalar mais de uma alternativa</i>	Finalidade de uso <i>* é permitido assinalar mais de uma alternativa</i>	Frequência de uso
	() Folha () Caule () Raiz () Fruto () Flor () Outro Qual: _____	() Tratamento de enfermidade repentina () Tratamento de doença crônica () Diurético () Laxante () Antidepressivo () Outro(s) Qual? _____	() 1x ao dia () 2x ao dia () 3x ao dia () 1x por semana () Outro(s) Qual: _____

4. Como você prepara o seu chá?

- () infusão
- () decocção
- () tinturas
- () xaropes
- () pomadas
- () fomentações
- () vaporizações

5. Onde você adquire as plantas para o seu chá?

- () Mercado
- () Feiras
- () Horta caseira
- () Outro

Qual: _____